

Dia do Produtor Rural

Commodities agrícolas seguem pressionadas e limitam recuperação da renda no campo

Grãos perderam rentabilidade e mercado nos últimos anos

Ana Esteves

Depois de dois anos marcados pela queda nas cotações internacionais de soja e milho, produtores gaúchos começam a enxergar uma leve melhora no mercado das commodities agrícolas. A recuperação, porém, ainda é insuficiente para reverter os problemas de rentabilidade acumulados nos últimos anos.

A soja apresenta um cenário de maior estabilidade após meses de forte volatilidade. As negociações para contratos futuros nos portos brasileiros já giram entre R\$ 140 e R\$ 145 por saca, acima dos valores registrados na última safra, mas ainda sem configurar uma recuperação expressiva.

“Existe uma expectativa positiva para os preços, mas ela é muito moderada. O mercado está mais estável, porém ainda distante de uma valorização significativa”, afirma o sócio e coordenador regional da Safras & Cifras Consultoria Agropecuária, Alessandro Acosta.

No milho, o cenário é ainda mais incerto: o mercado permanece sensível às oscilações do petróleo e às discussões sobre o avanço dos biocombustíveis, fatores que influenciam diretamente a demanda por etanol e, consequentemente, pelas cotações do cereal.

Para o coordenador de inteligência de mercado da Hedgepoint Global Markets, Luiz Fernando Roque, o aumento da oferta brasileira

de grãos é um dos principais fatores por trás da desvalorização das commodities. O País colheu duas safras recordes consecutivas de soja e milho, elevando significativamente a oferta disponível e pressionando as cotações internas. “Quando se colhem safras muito grandes, a oferta cresce mais do que a demanda e isso resulta em estoques maiores, prêmios mais fracos e preços menores ao produtor”, explica Roque.

Segundo o coordenador de Política Agrícola da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS), Kaliton Prestes, aproximadamente 22% da produção gaúcha de soja está nas mãos de agricultores familiares. “O movimento de queda das commodities é mundial e acaba atingindo diretamente a agricultura familiar”, afirma.

Na avaliação do dirigente, um dos fatores que explicam a retração dos preços é a estratégia adotada por grandes países importadores, especialmente a China, que vem ampliando sua produção interna para reduzir a dependência das importações brasileiras, argentinas e norte-americanas. O efeito, entretanto, vai além da soja: a redução da demanda internacional também influencia toda a cadeia de proteínas animais, pressionando preços do gado e de outros segmentos ligados às exportações.

A melhora pontual nos preços não significa incremento da rentabilidade do produtor, pois o problema se deve também ao custo financeiro elevado enfrentado pelas propriedades rurais. Segundo Acosta, com a elevação da taxa básica de juros e a necessidade de contratação de

seguros e outros produtos vinculados ao crédito rural, o custo do financiamento passou a representar um dos principais componentes do orçamento das propriedades.

Além disso, muitos produtores ampliaram investimentos durante o ciclo de forte valorização das commodities, observado no período pós-pandemia de Covid-19. A reversão desse cenário, combinada às sucessivas frustrações de safra no Rio Grande do Sul, agravou o nível de endividamento. “O produtor surfou a onda das commodities valorizadas, contraiu dívidas e agora enfrenta um cenário completamente diferente. Além das perdas climáticas, houve, em muitos casos, falta de planejamento financeiro para suportar uma mudança de ciclo”, avalia Acosta.

No setor arrozeiro, o problema dos preços do cereal se estende por mais de dois anos, e se deve a dois fatores preponderantes, segundo o presidente do Instituto Riograndense do Arroz (Irga), Alexandre Azevedo Velho: o excedente de arroz no mercado, desde a safra passada e a redução do consumo do alimento. A entidade considera necessária uma redução de pelo menos 10% na área cultivada para equilibrar oferta e demanda e favorecer a recuperação dos preços, fator que mantém as cotações deprimidas. Além disso, defende incremento nas exportações dos atuais 10% a 20% da produção para cerca de 30%. “O aumento das vendas externas ajudaria a reduzir a oferta interna e fortalecer as referências de preços no mercado doméstico”, diz o dirigente. O Irga trabalha em conjunto com a Abiarroz e



CNA BRASIL/DIVULGAÇÃO/JC

Especialistas avaliam que aumento da oferta levou à desvalorização

a ApexBrasil e negocia parceria com a Invest RS para ampliar mercados para arroz em casca, beneficiado e quebrado. O dirigente explica que o custo médio de produção está próximo de R\$ 80 por saca, enquanto o produtor recebe entre R\$ 67 e R\$ 68, gerando prejuízo superior a R\$ 10 por saca. “Remuneração baixa aliada a custos de produção em elevação terão reflexo direto na safra de verão, com a possível redução de área de arroz”, afirma.

A recomendação da entidade é reduzir investimentos e concentrar o cultivo apenas em áreas de maior produtividade, priorizando a sustentabilidade financeira da propriedade. “As áreas menos rentáveis devem ser retiradas da produção para evitar aumento dos prejuízos”, aponta.

O Irga mantém investimentos em pesquisa para desenvolver cultivares mais produtivas e resistentes à brusone. A previsão é lançar duas novas variedades de arroz de ciclo

médio ainda neste ano, com sementes disponíveis comercialmente em cerca de dois anos.

Para Roque, uma das saídas seria concentrar esforços naquilo que está sob controle dos produtores: a gestão da propriedade. “O agricultor não controla o mercado, ele depende da oferta, da demanda, do câmbio e até de fatores geopolíticos. O que ele pode controlar é o momento da venda”, avalia.

Segundo o analista, os produtores que conseguiram atravessar melhor os últimos anos foram justamente aqueles que mantiveram planejamento financeiro rigoroso e souberam aproveitar as oportunidades de comercialização oferecidas pelo mercado. “Ter as contas bem organizadas e acompanhar o mercado faz toda a diferença. Os produtores que conseguiram vender em momentos mais favoráveis sentiram menos o impacto das margens apertadas”, diz Roque.

28 julho

Dia do
**AGRI
CUL
TOR**

O Jornal do Comércio
homenageia quem produz,
inova e move o Rio Grande.

Na Expointer 2026, nossa casa
estará de portas abertas para
receber você.

Venha nos visitar!

Jornal do Comércio 93
O jornal de economia e negócios do RS ANOS